

## A reinvenção feminina por meio de densas palavras

Marcela Ribeiro Pacheco Paiva

**RESUMO:** Este artigo analisa o conto “La densidad de las palabras” de Luisa Valenzuela, sob a luz da teoria psicanalítica, focalizando a questão da feminilidade por meio da complexa trama de identificações familiares apontadas no texto.

**Palavras-chave:** feminilidade; psicanálise; Luisa Valenzuela.

Assim começa o conto:

Mi hermana, dicen, se parecía a padre. Yo – dicen – era el vivo retrato de madre, genio y figura.

‘Como todo el mundo quiere generalmente a quien se le asemeja, esta madre adoraba a su hija mayor y sentía al mismo tiempo una espantosa aversión hacia la menor. La hacía comer en la cocina y trabajar constantemente.’ Así al menos reza el cuento, parábola o fábula, como quieran llamarlo, que se ha escrito sobre nosotras. Se lo puede tomar al pie de la letra o no, igual la moraleja final es de una perversidad intensa y mal disimulada. (VALENZUELA, 2007, p.67).

O conto de Valenzuela intriga-nos desde o início. Ao fazer referência à fábula, a narradora apresenta ao leitor o enredo de sua história que, tecida em identificações familiares, tem um destino perverso. Logo, se começa falando de uma identificação e de um lugar privilegiado no olhar da mãe, não tarda a inverter os papéis ressaltando, porém, que ambos os destinos são intoleráveis.

Antes de narrar a história em forma de conto, a narradora ainda se detém em algumas desconcertantes perguntas: “Qué clase de hermanas fuimos? [...] Y otras preguntas más: quién quiere parecerse a quién? Quién elige y por qué?” (VALENZUELA, 2007, pág.67). A irmã, dócil e bela, que se parecia com o pai e sofria por ser preterida pela mãe, agora detém o privilégio da admiração materna. Já a narradora, que ocupava lugar de destaque na infância, afirma que as coisas mudaram de forma decisiva: de sua boca saem sapos e cobras e, em função disto, ninguém a quer, nem sequer a sua mãe que antes tinha tanto apreço. A mãe alega que ela já não se parece mais com ela quando, segundo a narradora, agora ela se parece mais do que nunca.

Dessa maneira, o conto possibilita a reflexão sobre a influência parental no tortuoso percurso do indivíduo ao formar a sua personalidade, por meio de duas diferentes saídas da feminilidade; a irmã dócil e bela que encarna a princesa - personagem em sua própria vida já que está destinada a omitir seus pensamentos e, a fim de ocupar o lugar de objeto de desejo do Outro, do príncipe, diz apenas coisas belas e aprazíveis - e a narradora, a princípio preferida da mãe, mas que ao se recusar o lugar frágil e dessubjetivado necessário à “magia do casamento” é condenada – pela mãe – ao exílio, e justifica a sua escolha por meio da liberdade de expressão.

Destarte, focalizarei a análise nos elementos que o texto oferece de forma mais relevante, visando ponderar sobre a delicada construção da feminilidade - tema caro à psicanálise, abordado por Freud e retomado por Lacan - por meio de uma narrativa tão complexa e intrigante. Porém, cabe explicitar por qual via pretendo entrelaçar o discurso da psicanálise ao discurso literário. Para tanto, a definição de texto de Roland Barthes é oportuna:

*Texto quer dizer Tecido*; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nesta textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido e a teia da aranha) (BARTHES, 2008, p. 74-75, destaques do autor).

A partir desta concepção é possível admitir que o texto convoca o leitor produzir novos sentidos que, por sua vez, despertarão outros. A psicanálise, no entanto, favorece uma elaboração dos questionamentos que o texto suscita. A psicanalista Olga Souza no texto “A psicanálise e as letras” aborda as diversas formas de aproximação da psicanálise ao texto literário. O recorte inframencionado justifica a minha escolha:

[...] Um analisante produz um texto (sonho, sintoma, fala em análise) e produz também o trabalho associativo sobre este texto: é o escritor e o seu próprio leitor/comentador. Um leitor psicanalista não é o autor do texto que funciona como ponto de partida do trabalho que irá produzir. Por outro lado, esse texto ponto de partida, no caso do analisante, tem na maioria das vezes um código privado, que interessa apenas a ele próprio e à singularidade da sua história. **Já o texto literário tem um alcance trans-individual e passível de, desde fora, fazer ressoar no inconsciente do leitor suas próprias questões, que são ao mesmo tempo particulares e universais. São textos que servem de ensejo ao leitor para a realização de um esforço, de um trabalho de elaboração [...]** (SOUZA, 2002, p. 287, destaques nossos).

Feito o esclarecimento, apresentarei ainda uma breve explanação sobre a teoria no intuito de propiciar a análise do conto.

Freud (1932-33) ao teorizar sobre a feminilidade explicita que o caminho da menina é quase inverso, se comparado ao menino. No menino o medo da castração leva-o a desistir do seu primeiro objeto de amor, a mãe, e, ao se desvencilhar do complexo de Édipo, recalca-o, instituindo como herdeiro o supereu. Na menina acontece o contrário: ela ingressa no complexo de Édipo pela via da castração. A menina, visando obter o que não obteve na relação materna, movida pela inveja do pênis, rivaliza com a mãe recorrendo ao pai. Essa diferença coloca em destaque algumas questões, porém, de maior interesse para a análise proposta podemos considerar que, se a angústia de castração motiva o menino à dissolução do complexo de Édipo, a menina pode ficar indefinidamente nele e o desconstrói de maneira incompleta. Disso decorre que, segundo Freud, a feminilidade é inventada, pois regressões e fixações das fases pré-ediípias movimentam a vida da mulher, o que contribui para o que ele denomina como “o enigma da mulher” originado, possivelmente, dessa “expressão da bissexualidade na vida das mulheres” (FREUD, 1976, p. 161), que se apresenta em seu extremo numa identificação com o pai, ou com mãe fálica, colocando-se numa atitude masculina, ou, numa perspectiva mais saudável, a transferência da menina para o pai será deslocada para o desejo de ter um filho. Essa é a saída que Freud vislumbrou para a feminilidade, por meio da maternidade, em que o filho entraria na equação como um substituto simbólico do pênis.

Logo, se o percurso feminino é mais elaborado no que tange à identificação, vale ressaltar que a relação da menina com a mãe é de grande importância e Freud destaca fundamentalmente duas fases da influência dessa relação: a pré-ediípias marcada por uma ligação de afeto em que a menina a toma como modelo, e a posterior ao complexo de Édipo, na qual ela rivaliza com a mãe pelo amor do pai. Ambas não são plenamente superadas e suscitam remanescentes que influenciam durante toda a vida. Porém, a primeira fase é demarcada como decisiva para o futuro da mulher já que será por meio dessa fase que a

menina assimilará características relativas à função sexual e social. Freud ainda complementa: “[...] É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem; a ligação edipiana deste à sua mãe transfigura a atração da mulher em paixão. [...]” (FREUD, 1976, p. 164).

Retomando o conto, observamos que a figura materna perpassa toda a história, indo do lugar de identificação e afeto conforme já foi anteriormente citado, ao de mágoa e rejeição:

El problema reside en que ahora nadie me quiere, ni siquiera madre que antes parecía quererme tanto. Alega que ya no me parezco más a ella. No es cierto: ahora me parezco más que nunca.

De todos modos es así y no tengo la culpa. Abro la boca y con naturalidad brotan los sapos y brotan las culebras. Hablo y las palabras se materializan. Una palabra corta, un sapo. Las culebras aparecen con las palabras largas, como la misma palabra culebra, y eso que nunca digo víbora. Para no ofender a mi madre.

Aunque fue ella quien me exilió al bosque, a vivir entre zarzas después de haberme criado entre algodones. Todo lo contrario de mi hermana que a partir de su hazaña vive como princesa por haber desposado el príncipe.

‘Tú en cambio nunca te casarás, hablando como hablas actualmente bocasucia’, me increpó madre al poco de mi retorno de la fuente, y pegó media vuelta para evitar que le contestara y le llenara la casa de reptiles. Limpitos, todos ellos, aclaro con conocimiento de causa.” (VALENZUELA, 2007, p.68).

O surpreendente ponto de virada da predileção materna é representado através da capacidade (concedida pela “fada”) de falar “coisas” belas, que, segundo podemos depreender por meio das entrelinhas, propiciaria o casamento “com um príncipe”. A irmã preterida, ao voltar com tão estimado “dom”, passa a ser vista, valorizada pela mãe, que ordena que a filha mais velha, até então a sua preferida, fosse à fonte em busca de preciosa oportunidade. A princípio ela acata a ordem materna, embora a contragosto. Porém, ao deparar-se não com uma fada velha, mas sim com uma dama que lhe faz um pedido como quem dá uma ordem, ela se recusa a tal anulação e subvertendo a equação, de sua boca saem cobras e sapos, motivo pelo qual ela justifica o exílio materno e o distanciamento dos homens. Logo, a recusa da narradora embora demande um alto preço, sinaliza uma tentativa de mudança, de subversão, pois ao sair da expectativa materna e, em certa medida, da sociedade, se vê sozinha com o ônus e o bônus de tamanha liberdade e possibilidade de reinvenção.

No me arrepiento del todo: ahora soy escritora.

Las palabras son mías, soy su dueña, las digo sin tapujos, emito todas las que me estaban vedadas; las grito, las esparzo por el bosque porque se alejan de mí saltando o reptando como deben, todas con vida propia. Me gustan, me gusta poder decirlas aunque a veces algunas me causen una cierta repugnancia. Me sobrepongo a la repugnancia y ya puedo evitar totalmente las arcadas cuando la viscosidad me excede. Nada debe excederme. Los sapos me rondan saltando con cierta gracia, a las culebras me las enrosco en los brazos como suntuosas pulseras. Los hombres que quieren acercarse a mí – los pocos que aparecen por el bosque – al verlas huyen despavoridos.

Los hombres se me alejan para siempre.

Será ésta la verdadera maldición del hada? (VALENZUELA, 2007, p.69).

A partir das saídas apresentadas podemos inferir que, se a irmã doce e bela opta pela representação que fará dela o objeto de desejo/amor de um homem, a fim de lidar com o que falta em si, com sua castração (saída vislumbrada por Freud como típica, ainda mais se dela advier o desejo de ter um filho) e, nesse sentido, condiz à expectativa de sua mãe, a outra irmã, representada pela narradora, subverte a expectativa e revela a complexidade de sua escolha. Nesse ponto, é interessante retomar as questões lançadas ao início do conto, pela narradora: “[...] Quién quiere parecerse a quién? Quién elige y por qué?” (Valenzuela, 2007,

pág.67), no intuito de ponderar, a partir da teoria freudiana anteriormente citada, se o questionamento da narradora não sugere que a irmã, doce e bela, a que se parecia com o pai segundo o que dizem, estaria mais identificada com o lugar da mãe, enquanto ela, a pretensa “semelhante” à mãe, não estaria identificada à posição paterna ou à mãe fálica. Porém, o interesse aqui não é fechar com suposições as questões lançadas no texto, mas sim permitir que tais provocações nos incitem a novas descobertas de sentido, e, por essa via partiremos dessa elaboração, a fim de melhor explorar a enigmática saída apontada pela narradora: a saída pela escrita, pela invenção, pretendendo contrapor as duas formas de feminilidade apresentadas no texto.

Lacan (1972-73/1985), ao ponderar sobre a especificidade feminina possibilita um deslizamento na teoria, pois se o único significante existente é o falo, já que não há um significante que estabeleça “a mulher” de modo positivado no inconsciente, e a mulher não se inscreve “toda” nessa função (fálica), ela, como não-toda inscrita em relação à função fálica, precisa elaborar uma saída individual a partir do que há em si de não-subjetivável. Portanto, a ausência de representação do sexo feminino no inconsciente implica a sujeição parcial à lei fálica e, assim, demanda uma invenção/elaboração particular. Assim mencionou Serge André:

[...] A outra via é nova: ela representa a saída que Lacan propõe ao impasse do Édipo feminino ao qual chegou a doutrina freudiana. Esta via parte da constatação de que A mulher não existe, e conclui daí que as mulheres não são senão um conjunto aberto e devem, pois, ser contadas uma por uma. Elas não fazem Um, no sentido em que os homens se agrupam, mas permanecem em sua infinitude. Além disso, cada “uma” só se inscreve parcialmente, não-toda, na função fálica, portanto, na função sexual tal como colocada pelo significante. [...] A feminilidade se revela como dividida diante da castração: uma mulher se desdobra, mais do que se unifica, sob o significante “mulher” [...] (ANDRÉ, 1998, p. 221-222).

Portanto, tomando por base tais formulações psicanalíticas, questiono: é possível pensar a postura da narradora frente à castração pela via da negação, por meio de um tamponamento através das palavras, de modo a prescindir do Outro e camuflar a fragilidade do encontro sempre falho com o Outro?

Yo, en cambio, entre sapos y culebras, escribo. Con todas las letras escribo, con todas las palabras trato de narrar la otra cara de una historia de escisiones que a mí me difama. Escribo para pocos porque pocos son quienes se animan a mirarme de frente. Este aislamiento de alguna forma me enaltece. Soy dueña de mi espacio, de mis dudas - cuáles dudas? - y de mis contriciones. Ahora sé que no quiero bellas señoras que vengan a pedirme agua. Quizá no quiera hadas o maravillamientos. Me niego a ser seducida. (VALENZUELA, 2007, p.69).

Ou a sua postura reflete o seu modo de lidar com a falta por meio da invenção, ainda que repleto de ressentimento, trilhando o seu tortuoso, porém autêntico caminho da feminilidade?

[...] Son las palabras que antes me estaba prohibido masticar. Ahora me desacralizan, me hacen bien. **Recupero una dignidad desconocida.** Antes de mandarme al exilio en el bosque debo reconocer que hicieron lo imposible por domarme. Calla, calla, me imploraban. El mejor adorno de la mujer es el silencio, me decían, en boca cerrada no entran moscas. No entran? Entonces con qué alimento a mis sapos?, pregunté alarmada, indignada más bien, sin admitir que mis sapos no existen antes de ser pronunciados. **Triste es reconocer que tampoco existiría yo, sin pronunciarlos.** (VALENZUELA, 2007, p.70-71, destaques nossos).

Desta forma, embora o percurso da feminilidade seja individual, a narradora não estaria de certa forma incitando as mulheres a uma nova postura? Através da arte, da escrita, e fundamentalmente da livre expressão, a narradora instiga uma reinvenção que possibilite a mulher alcançar um lugar mais autêntico, condizente com a sua verdade, e poderíamos acrescentar: mais equalitário, se pensarmos no contraponto representado pela irmã bela e dócil que, a fim de ocupar o lugar de objeto de desejo do Outro, se coloca numa posição acrítica, “dessubjetivada”, já que só diz “coisas belas e aprazíveis”. Nesse caso, a apropriação de um saber próprio não estaria vinculada à ideia de prescindir do Outro, mas sim à possibilidade de acesso a um outro gozo, também fálico, mas que de alguma forma atravessa o processo criativo e proporciona um lugar mais adequado à mulher na sociedade, denunciando a verdadeira maldição que perdurou por séculos e de certo modo perdura até hoje: de atrelar a feminilidade à passividade, que tem o seu modelo mais perverso na impossibilidade de livre expressão ou de saber. Portanto, podemos entender que a narradora sinaliza por meio da sátira o risco de reduzir a feminilidade a uma saída que resulte na anulação do ser.

Assim ponderou Colette Soler sobre a constatação feita por Freud (Conferência 33 – A feminilidade) a respeito da “rigidez e imutabilidade psíquicas” (Freud) apresentadas com frequência pelas mulheres:

[...] A definição histórica dos mais-de-gozar acessíveis às mulheres, ou, mais precisamente, a reduzida série dos objetos compatíveis com os semblantes da mulher, devia ter algo a ver com o bloqueio libidinal percebido por Freud. Ele apresenta não apenas uma mulher totalmente inserida na problemática fálica, mas, além disso, prisioneira de uma situação da sociedade em que não havia salvação fora do casamento, e que a condenava, portanto, salvo algumas exceções, a só realizar seu falicismo como mãe. Assim, não se trata tanto de questionar os fenômenos percebidos por Freud, mas de perceber o que eles devem, a despeito da universalidade da castração, às ofertas do discurso de sua época. (SOLER, 2005, p.132).

Ou seja, a rigidez psíquica apontada por Freud é justificada por Soler pela adequação a um modelo restritivo que tinha como consequência um apagamento ou, minimamente, um prejuízo grave na capacidade sublimatória, pois ao se submeterem a um padrão único, que não contempla outro tipo de realização feminina além do casamento e da maternidade, muitas mulheres apresentavam essa “rigidez psíquica”, que podemos entender por um embotamento ou “bloqueio libidinal” nas palavras da psicanalista. O que Freud nota em sua prática clínica é observado por Soler por meio do contexto cultural e, assim sendo, favorece a constatação do quanto os padrões sociais influenciam na saúde psíquica do sujeito.

Logo, o que fica em destaque na posição da narradora é que a sua tentativa de autossuficiência, “soberba”, na linguagem dela, denuncia o papel oposto, de sua irmã, que indica uma anulação do “ser” através da feminilidade. Ou seja, a “sátira” da fábula apresenta duas personagens dispares, ambas com destino perverso, porém uma – a narradora – revela a sua função de resistência ao que seria um grave prejuízo a sua subjetividade. Por meio do desdém à escolha feita pela irmã bela, a narradora sinaliza outra possibilidade de escolha que sugere uma índole nova para (uma) mulher. Colocando-se como autora de sua própria história indica que há um outro gozo nesse lugar.

Aprovecho las zonas más húmedas del bosque para proferir blasfemias de una índole nueva para una mujer. Ésta es mi prerrogativa porque de todos modos – como creo haber dicho – de mi linda boquita salen sapos y culebras, escuerzos, renacuajos y demás alimañas que se sienten felices en lo húmedo y retozan. También yo retozo con todas las palabras y las piernas abiertas. (VALENZUELA, 2007, p.71).

Por fim, retomo o apontamento feito por Colette Soler, com o intuito de frisar a estreita relação entre os “mais-de-gozar” acessíveis às mulheres (inerente ao contexto histórico, à sociedade) e o que eles motivam de potencial produtivo, expressivo. Para tal, saliento algumas nuances da narrativa, como o complexo jogo de identificações indicado pela autora, em que a que se parecia com o pai, segue o “modelo” da mãe e a que se assemelhava à mãe, ao recusar uma saída tipicamente feminina, é vista como “diferente”, não se assemelha mais, e, assim, possibilita a reflexão, por meio da história tão ricamente “ilustrada”, que ter outra opção de gozo, implica graves consequências, como uma vida exilada da sociedade, sem o reconhecimento até mesmo de quem foi uma importante referência de identificação. Essa leitura da narrativa reforça o que a psicanalista, de certa forma, destacou: É necessária a possibilidade de outros objetos compatíveis com o semblante da mulher, a fim de que ela usufrua de novas descobertas, e um meio para isso é a livre expressão, ferozmente defendida pela narradora. Logo, a partir da definição (infracitada) de Bosi (2002), compreendo essa narrativa pela via da resistência, pois as palavras proferidas pela narradora são tão valiosas e densas quanto os répteis que a defendem do lugar comum.

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 2002, p. 134).

### **The Feminine reinvention through dense words**

**ABSTRACT:** This article analyzes the short story “La densidad de las palabras”, by Luisa Valenzuela, under the light of the psychoanalytic theory, focusing on the matter of femininity through the complex frame of family identification highlighted in the text.

**Keywords:** femininity; psychoanalysis; Luisa Valenzuela.

### **Referências Bibliográficas:**

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In:\_\_\_\_. **Literatura e Resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 118-135.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In:\_\_\_\_. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.139-166.

LACAN, Jacques. **Mais, ainda.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SOUZA, Olga Maria M. C. A psicanálise e as letras. In:\_\_\_\_. **Modernidades e pós-modernidades: literatura em dois tempos.** Alexandre Jairo Marinho Moraes, organizador. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras; Centro de Ciências Humanas e Naturais; UFES, 2002.

VALENZUELA, Luisa. La densidad de las palabras. **Cuentos Completos y uno más**. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2007. p.67-72.

Artigo enviado em 31 de maio de 2016.